

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINA LOPES BRITO

**ESCÂNDALOS DA PETROBRAS:
enquadramento, valor-notícia e estratégias discursivas na cobertura
econômica de O Globo**

Monografia

Mariana

2016

CAROLINA LOPES BRITO

**ESCÂNDALOS DA PETROBRAS:
enquadramento, valor-notícia e estratégias discursivas na cobertura
econômica de O Globo**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Hila Rodrigues

Mariana
2016

B862e Brito, Carolina Lopes

Escândalos da Petrobras [recurso eletrônico] : enquadramento, valor-notícia e estratégias discursivas na cobertura econômica de O Globo / Carolina Lopes Brito.-Mariana, MG, 2016.

1 CD-ROM; 4 3/4 pol.+ 1 monografia (66 f.).

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Jornalismo - Teses. 2. MEM. 3. Jornalismo - Fontes de informação - Teses. 4. Monografia. 5. Jornalismo - Editoração - Teses. I.Rodrigues, Hila Bernadete Silva. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III.Versão impressa. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 070.422

: 15

: 1418587


Curso de Jornalismo - UFOP

ESCÂNDALOS DA PETROBRAS:

ENQUADRAMENTO, VALOR-NOTÍCIA E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
NA COBERTURA ECONÔMICA DE O GLOBO.

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Hila Rodrigues.

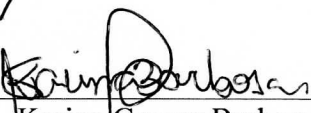
Banca Examinadora:



Prof.ª. Dra. Hila Rodrigues



Prof. Dr. Francisco Horácio Pereira de Oliveira



Prof.ª. Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana, 09 de março de 2016.

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de construção de notícias na editoria de Economia do jornal *O Globo*, a partir da cobertura da crise na Petrobras, no ano de 2015. Para tanto, recorre-se aos enquadramentos identificados e analisados, bem como aos métodos discursivos presentes nos conteúdos. O recorte foi feito a partir do exame do material publicado entre 4 de janeiro e 14 de junho de 2015, utilizando somente as edições de domingo. Assim, o trabalho identifica os valores-notícia, angulações e estratégias discursivas que permeiam esta cobertura econômica, de modo a identificar como o contexto de crise é representado pelo jornal, tendo em vista o âmbito político-econômico de tal temática.

Palavras-chave: jornalismo econômico; jornal impresso; enquadramento; teorias do jornalismo.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of building news on the economics editorship of *O Globo*, Brazilian newspaper, which covered the Petrobras crisis of 2015. It is used to identify and analyze the framing and the discursive methods of its content. Moreover, the cut was made from the material that was published between January 4th and June 14th of 2015, using only the Sunday editions. Thus, the work aims to identify the news values, angulation and discursive strategies that permeate this economic coverage in order to identify how the crisis context is represented by the newspaper, in view of the political and economic context of this theme.

Keywords: business journalism; newspaper; framing; journalism theories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Perdas de gigante	33
FIGURA 2 – Planos de (poucos) negócios	33
FIGURA 3 – Esclarecimento da Petrobras.....	34
FIGURA 4 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 6 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 7 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 8 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 9 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 10 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 11 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 12 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 13 – Exemplo de título.....	35
FIGURA 14 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 15 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 16 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 17 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 18 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 19 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 20 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 21 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 22 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 23 – Exemplo de título.....	36
FIGURA 24 – Ações da Petrobras.....	38
FIGURA 25 – Placas de aluguel nas ruas de Macaé.....	40

LISTA DE ANEXOS**(constam em cd)**

ANEXO I	No fundo do poço
ANEXO II	Royalties derretem
ANEXO III	Leilão, só no pós-crise
ANEXO IV	Exigências ambientais travam investimentos nas últimas rodadas
ANEXO V	Euforia dá lugar à desolação no Comperj
ANEXO VI	'Bye, bye' autossuficiência em combustíveis
ANEXO VII	Investigações provocam crise em fundo de pensão da Petrobras
ANEXO VIII	Trabalhadores tomam as ruas pelo país
ANEXO IX	Corrupção afunda retomada da indústria naval
ANEXO X	Após atrair migrantes, região vive a falta de vagas e expulsa trabalhadores
ANEXO XI	Obras paralisadas e sonhos desfeitos no interior da Bahia
ANEXO XII	Escândalo da Petrobras já paralisa negócios em Macaé
ANEXO XIII	“Investigações acabam levando a atrasos”
ANEXO XIV ..	Cancelamento de refinaria frustra expectativa no 'Eldorado' do Ceará
ANEXO XV	Perdas de gigante
ANEXO XVI	Plano de (poucos) negócios
ANEXO XVII	Petrobras troca ouvidor depois de denúncias
ANEXO XVIII	Parada forçada no porto
ANEXO XIX	Infoglobo - Em crise, Petrobras ajuda a afundar PIB, emprego e arrecadação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JORNALISMO ECONÔMICO: NOTÍCIAS DA BATALHA DIÁRIA PARA GANHAR A VIDA	11
2.1 Jornalismo e cobertura econômica – o percurso no tempo.....	13
2.2 Notícias econômicas e a produção jornalística.....	16
2.3 Jornalismo econômico, jogos e interesses.....	17
3 O GLOBO E OS PERCURSOS JORNALÍSTICOS FUNDADOS EM DISCURSOS E ESCOLHAS POLÍTICAS	19
3.1 Erros e acertos na cobertura.....	20
3.2 O conglomerado e os compromissos com o cidadão comum.....	25
3.3 A produção de conteúdos e a Petrobras na Editoria de Economia de O Globo.....	27
4 CRISE DA PETROBRAS: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ENQUADRAMENTOS NA COBERTURA ECONÔMICA DE O GLOBO	31
4.1 Ênfases e abordagens da crise.....	32
4.2 Intenções e contradições do discurso.....	37
4.3 Enquadramentos na cobertura da crise.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS EM CD	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar os enquadramentos e estratégias discursivas empregadas pela editoria de economia do jornal *O Globo* na cobertura dos escândalos envolvendo a Petrobras, durante o primeiro semestre de 2015. Tal análise será abordada a partir de conceitos trabalhados pelas Teorias do Jornalismo para o exame do processo de construção da notícia. A metodologia se baseia na Análise do Discurso e na Teoria do Enquadramento, a fim de identificar o viés textual apresentado pelo periódico.

Com base na análise proposta, o trabalho busca a compreensão dos valores-notícia que orientam as matérias relacionadas à Petrobras na editoria de economia de *O Globo*, bem como os tipos de abordagens relacionadas ao tema de estudo. Desta forma, serão identificadas as temáticas consideradas relevantes pelo periódico, seus critérios de noticiabilidade e o processo de desenvolvimento dos conteúdos centrados nas questões ligadas à estatal.

Assim, verifica-se se tais matérias realmente apresentam várias angulações e pontos de vista em relação a um mesmo fato, de modo que os envolvidos tenham direito a apresentar sua versão – conforme consta nos princípios editoriais do jornal. Segundo tais princípios, deve ser buscado um alto nível de isenção jornalística, tendo em vista que *O Globo* se define como apartidário.

Para tanto, o trabalho apoia-se fundamentalmente na análise das matérias relacionadas à Petrobras nas edições de domingo, de 4 de janeiro a 14 de junho, período que engloba maior foco na crise enfrentada pela estatal. Nesse estudo, os enquadramentos, as angulações e o discurso serão analisados de forma a compreender o direcionamento das notícias, as estratégias discursivas e os padrões que constituem a estrutura textual.

Este trabalho busca ampliar o debate sobre o jornalismo econômico praticado pela mídia impressa, a partir de reflexões acerca dos interesses específicos que movem as empresas jornalísticas. O estudo se inspira na importância do jornalismo na vida dos indivíduos e, por isso, busca averiguar as angulações e construções da narrativa jornalística no processo de produção de notícias. Em que medida essa narrativa orienta o cidadão comum? Além disso, tendo em vista a notoriedade do jornal *O Globo* no âmbito nacional, com mais de 350 mil visitantes por dia em sua versão *online*, segundo o site do *Infoglobo*, é relevante observar o posicionamento do periódico perante o contexto de crise na maior estatal do país.

O processo metodológico centrado nas questões relativas ao discurso baseia-se na perspectiva de alguns estudiosos, como Traquina (2005), Porto (2002), Schwaab (2007) Gregolin (2007) e Ringoot (2006). Já o estudo específico de Jornalismo Econômico focará nos

conceitos de Basile (2011), Puliti (2013) e Caldas (2008). Assim, serão aprofundados os estudos nesse campo, destacando-se as interpretações discursivas. O trabalho está dividido em quatro capítulos, que consistem em: Jornalismo Econômico e sua relevância na sociedade, além de um percurso temporal acerca do papel desta área jornalística em momentos marcantes na economia brasileira e o jogo de interesses que permeiam tal noticiário; jornal *O Globo* e sua história, assim como uma introdução ao caso Petrobras na editoria de economia deste periódico; e, por fim, a análise das matérias, tendo como base o referencial teórico proposto.

Esse estudo espera contribuir para o debate sobre a construção das notícias e do discurso jornalístico, em especial na editoria de economia de um dos maiores e mais antigos jornais do país.

Capítulo 2

Jornalismo econômico: notícias da batalha diária para ganhar a vida

Poucas áreas atravessam tanto a vida do cidadão comum como a economia. O campo traz à tona temas bastante caros ao ser humano, tais como dinheiro, produção de riquezas, bem-estar, custo de vida, gastos públicos e privados, entre outros. Não por acaso, parcela significativa dos noticiários dedica tanto tempo e espaço à abordagem de conteúdos voltados para a economia. Temas econômicos aparecem com frequência não apenas em praticamente todas as editorias – Política, Cidades e Internacional, por exemplo – mas em todos os campos experimentados pelas sociedades. Um caso de fracasso econômico, por exemplo, implica desdobramentos em várias outras áreas: pode envolver o empobrecimento das famílias, o crescimento dos índices de violência, crises na esfera do governo etc. Tanto fatores macroeconômicos quanto microeconômicos influenciam as relações cotidianas entre as pessoas e as instituições.

Em relação aos conceitos, pode-se entender macroeconomia como um estudo amplo, em que fatores gerais da economia são analisados, como desemprego, inflação... A junção de fatores econômicos é nivelada como um todo, na medida em que suas resoluções são pensadas a curto prazo. Em microeconomia são tratadas as relações entre oferta e demanda, de modo que haja a definição de valores de produtos e suas unidades de consumo no âmbito mais restrito, além de relações de mercados, como monopólio, oligopólio e afins.

Assim, tendo como base o jornalismo econômico, é curioso perceber a discrepância entre o interesse do cidadão comum por essa editoria e o real significado dos temas econômicos – tão centrados no cotidiano das pessoas e em temas de utilidade pública – na vida individual e coletiva. Grande parte dos leitores não dá a devida atenção às notícias econômicas, mesmo àquelas que tratam de fatores capazes de afetar de imediato os ganhos e perdas aos quais todo cidadão está sujeito – caso da alta do dólar, por exemplo, que costuma influenciar toda a economia, repercutindo no bolso do cidadão comum, muitas vezes sem que ele se dê conta. Em outras palavras, é notável como a editoria de economia não desperta, em geral, grande interesse por parte do público, embora se ocupe da abordagem de assuntos tão caros à população.

Isso pode se dar, em parte, em função do caráter pouco atrativo de uma considerável parte das notícias de cunho econômico – seja em função do tema, por vezes complicado, seja em função da narrativa, às vezes pouco clara. Alguns temas econômicos exigem uma linguagem própria, permeada por termos técnicos e específicos, dificultando o entendimento

por parte do público e, aumentando, assim, a responsabilidade do jornalista ao construir o texto, a narrativa. Há algumas técnicas para isso, já elencadas tanto por profissionais do jornalismo quanto por pesquisadores e estudiosos do tema – como Sidnei Basile (2011), Suely Caldas (2008), Bernardo Kucinski (2000) e Paula Puliti (2013), entre outros. Todos esses autores já ressaltaram, por exemplo, que jargões da área devem ser traduzidos de modo que possam ser entendidos por todos, e não somente por especialistas do campo financeiro. Conforme Sidnei Basile (2011), em *Elementos de Jornalismo Econômico*, independentemente do assunto, a abordagem deve ser feita da maneira mais direta possível, de modo a aumentar o interesse do interlocutor a partir da simplicidade no discurso.

Kucinski (2000) aborda as dificuldades da editoria de economia, tendo em vista seus dois tipos de público: o especializado e o cidadão comum. De modo a priorizar a compreensão de todos os leitores, o autor defende a objetividade jornalística, definindo as principais características do bom texto econômico: clareza, simplicidade, concisão e precisão. Justamente por isso, é necessário que o jornalista entenda bem a temática em questão, pois assim a narrativa será mais clara ao leitor. Desta maneira, o jornalista atua como mediador entre a linguagem científica e o público. (KUCINSKI, 2000)

Outra orientação é justamente valorizar assuntos que impactam diretamente a vida do cidadão, independentemente da classe social. A ideia é envolver o leitor no tema, de modo a prender sua atenção por meio da apresentação de um problema ou de um acontecimento de seu interesse – o que pode ser feito de maneira sedutora. Uma forma indicada de atrair o cidadão, a título de exemplo, é tratar um tema macroeconômico de modo singular: é como contar a história de um sujeito que está à procura de trabalho para abordar um contexto maior, marcado por altos índices de desemprego em determinados países.

No cenário atual, parte considerável dos jornais investe em abordagens que falam diretamente ao público receptor, estabelecendo com ele um diálogo inspirado nas dificuldades e incômodos que são comuns a todos. É o caso da coluna *Você investe*, de *O Globo*, que trata de assuntos muito presentes no cotidiano do cidadão comum e que costumam gerar dúvidas. Essa aproximação entre jornalista e interlocutor já ocorreu em outros momentos na história do jornalismo econômico – ora com mais, ora com menos força. Um exemplo era o popular programa *Multiplificação do Dinheiro*, apresentado por Joelmir Betting na extinta *TV Gazeta*, durante os anos 1970.

É por meio dessas tentativas de aproximação com o sujeito que o jornalismo econômico sempre atravessou importantes momentos da história do país: seja apresentando à população as notícias que refletiam as dificuldades econômicas geradas pela inflação durante

o governo Sarney, na segunda metade da década de 1980; seja denunciando os escândalos financeiros – e políticos – que resultaram no *impeachment* do ex-presidente Collor de Mello, em 1992; as denúncias de favorecimento político a bancos privados durante a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1998; as denúncias do mensalão, envolvendo políticos do PT, PSDB e PTB, entre outros, bem como, recentemente, o novo escândalo da Petrobras, que resultou no afastamento de várias pessoas que ocupavam altos cargos de chefia na empresa. Dessa maneira, é perceptível a influência que o jornalismo econômico exerce não somente na vida do cidadão na condição de morador de um país, mas também na condição de contribuinte e eleitor. Em situações mais amplas, esses temas podem afetar até os rumos de uma nação – do ponto de vista político e socioeconômico.

2.1 – Jornalismo e cobertura econômica – o percurso no tempo

Conforme relata Suely Caldas, “o jornalismo econômico tem a mesma idade da imprensa”, no que se refere ao âmbito mundial (CALDAS, 2008, p.11). Segundo a autora, não existe qualquer registro de um jornal desprovido de abordagens e notícias que dizem respeito a fatos de cunho econômico. Esse ramo jornalístico já tinha espaço nos impressos brasileiros no século XIX e, até a primeira metade do século XX, praticamente todos os assuntos tinham relação com as principais atividades econômicas desenvolvidas no período, tais como a plantação de café e outras culturas. Já nessa época existiam colunas econômicas fixas nos periódicos.

Tendo como fonte a obra *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet* (org. Asa Briggs e Peter Burke), a industrialização é tida como impulsionadora dos meios de comunicação, em meados dos séculos XIX-XX, pois necessitava da circulação de informações confiáveis. Os organizadores justificam que este processo relacionado à imprensa foi ressaltado “ainda mais na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando as noções de velocidade e distância sofreram transformações” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 188).

No Brasil, durante o governo de Juscelino Kubitschek, a economia brasileira passou por um período de ascensão, em que houve maior abertura para o capital estrangeiro. Com o Plano de Metas, JK planejava desenvolver o país com o lema “50 anos em 5”, com intenso investimento em energia, transporte e indústria de base. Logo, o jornalismo econômico diversificou-se em relação aos assuntos frequentemente abordado décadas antes. Dentre as

ações do período – com potencial para se transformarem em notícias –, Nilson Araújo de Souza destaca:

(...) intensa promoção da indústria pesada sob controle nacional e protecionismo à indústria nascente, à indústria naval e à Marinha mercante brasileiras; aumento do papel do Estado na economia para garantir o desenvolvimento; política de preservação e até certa melhoria do salário real médio; criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) para combater os problemas do Nordeste e viabilizar seu desenvolvimento; programa de ocupação do Centro-Oeste, com a construção de Brasília e da rodovia Belém-Brasília (SOUZA, 2008, p.31).

No momento de ascensão do plano econômico de Juscelino Kubitschek, houve ampla colaboração do sistema político para a elaboração de matérias de cunho econômico, como um meio de divulgação dos projetos do governo – a despeito do alto índice de concentração de renda que marcava o período (PULITI, 2013). O momento de evolução desta editoria coincidiu progresso da indústria brasileira, de tal modo que houve um processo mútuo de crescimento e colaboração. Ainda segundo Puliti (2013), a indústria de bens de consumo que se instalava no país pagava por publicidade nos jornais, ajudando-os, assim, financeiramente.

A cobertura econômica também ganhou destaque nos jornais no período da ditadura, quando foi iniciada a censura na editoria de política. Conforme essa editoria perdia força e espaço, as páginas relacionadas à economia do país eram ampliadas. No início do Regime Militar, os jornais destacavam notícias como o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), por exemplo.

Entre 1968 e 1973 ocorreu o “Milagre Econômico”, fase de expansão da economia brasileira, quando o papel e a gestão das empresas estatais ganhou destaque. Por outro lado, registrava-se, também, o aumento da dívida externa. Na sequência, em 1974, foi a vez da crise do petróleo, que afetou a economia em escala global, quando o preço do produto foi altamente inflacionado.

Nesses períodos turbulentos, o jornalismo econômico não atraía o interesse somente da classe alta, já que todos eram afetados pela política financeira governamental (BASILE, 2011). As notícias, entretanto, sofriam intensa censura, uma vez que o AI-5, decretado em dezembro de 1968, endureceu a fiscalização aos meios de comunicação. Somente as notícias permitidas pelo governo eram transmitidas ao público.

No fim dos anos 80 e início da década de 90, após o fim do Regime Militar, os escândalos envolvendo a Petrobras viraram alvo de inúmeras matérias ligadas à corrupção. Duas séries de reportagens foram feitas pelo jornal Estado de São Paulo. A primeira, no

governo de José Sarney, denunciava um esquema de desvio de dinheiro nas transações feitas entre a estatal e alguns bancos. Como a inflação no período era oscilante, o valor cambial sofria alterações no decorrer da semana. Assim, as transferências eram feitas em dias favoráveis ao câmbio, e esta diferença de dinheiro era dividida entre os membros da quadrilha (CALDAS, 2008).

Já no governo de Fernando Collor, em 1992, houve outra série de reportagens no mesmo periódico. Nesta ocasião, foi descoberto um esquema de corrupção envolvendo as importações e exportações petrolíferas da estatal. O desvio consistia no superfaturamento de tais transações, que serviam como fonte de lucro para os envolvidos (CALDAS, 2008).

Nesse período de crise, executivos em cargos de chefia da estatal foram afastados devido às denúncias. É importante destacar, aqui, que a volta à democracia foi crucial para o desenvolvimento de tais reportagens, que necessitavam de uma apuração minuciosa e liberdade para a publicação.

2.2 – Notícias econômicas e produção jornalística

Qualquer que seja a editoria, a pauta é o ponto inicial do processo de produção de notícias, ainda que possa ser alterada no decorrer da apuração dos acontecimentos. No caso do jornalismo econômico, é possível que a linha editorial adotada pela empresa jornalística e o público-alvo exerçam especial influência na maneira como a história é pautada e contada. Dois bons exemplos são duas publicações impressas da *Editora Globo*: os jornais *O Globo* e *Extra*. Ambos possuem cadernos de economia muito diferentes entre si. Um mesmo assunto é tratado de maneira muito diversa, com abordagens específicas, obedecendo ao perfil do leitor. Temas iguais são tratados de forma distinta, tanto do ponto de vista textual quanto dos elementos gráficos visuais.

De forma geral, entretanto, é certo que a produção da pauta nos cadernos de economia, assim como em outras editorias, dá-se a partir de uma visão voltada para o interesse público e para assuntos que apresentem algo novo ao leitor. No campo econômico, contudo, a diversidade de possibilidades de cobertura é especialmente ampla, uma vez que grande parte dos temas que envolvem os interesses da população pode ser visto pelo viés econômico.

Assim, também como em outras editorias, a pauta tende a ser enriquecida quando há criatividade. O jornalista Frederico Vasconcelos (2008) defende que o repórter deve estar à frente das assessorias de imprensa, no sentido de buscar suas próprias pautas, sem depender

dos *releases* divulgados. Outro procedimento importante está na investigação rigorosa e ampla dos fatos, valorizando fontes confiáveis e informações relevantes.

Nesse ponto, em especial, o repórter – estando em um caderno tão especializado – deve ter atenção para não ser confundido pelas fontes. Estudiosos, pesquisadores e profissionais do jornalismo econômico orientam esse profissional, por exemplo, a não publicar aquilo que não tiver assimilado ou compreendido completamente, pois isso seria deixar que a reportagem reflita apenas o que diz a fonte, sem uma interpretação adequada do tema, que deve ser tratado a partir de várias perspectivas. Essa não compreensão, segundo Vasconcelos (2008), compromete a autonomia da reportagem como um todo, além de confundir o interlocutor.

Outro elemento presente no processo de produção da notícia nos cadernos de economia está no jogo de interesses – que envolve as necessidades e demandas financeiras da empresa jornalística, bem como o contexto do mercado editorial (CALDAS, 2008). Assim, o processo de apuração deve ser ainda mais rigoroso, de maneira a não abalar de forma alguma a credibilidade do veículo. Fatos publicados nem sempre são reversíveis, ainda que, em casos de falha, haja a errata.

Ainda no que diz respeito à apuração, outro elemento destacado pela literatura está nas precauções necessárias quanto ao uso do *off*. O recurso só é indicado em casos extremos, como uma forma de proteção à fonte. Entretanto, as informações passadas em *off* devem ser minuciosamente checadas, uma vez que, com a identidade preservada, o delator da notícia pode descrever fatos inverídicos. O uso de fontes jornalísticas, inclusive, deve obedecer a algumas regras relacionadas ao código de ética da profissão: garantir, por exemplo, um grau de distanciamento entre a fonte e o repórter, assim como diversidade das fontes, de modo que todas as informações não sejam provenientes de um único grupo. Estes são apenas alguns dos cuidados necessários para assegurar a credibilidade do caderno.

O processo de produção abrange, ainda, a etapa da edição. Suely Caldas (2008) afirma que o repórter deve atentar-se ao processo de edição logo no início de produção da matéria, imaginando-a “inteira, pronta, editada e disposta na página” (p.58). O editor seleciona o que é essencial no texto bruto, com base nos valores-notícia, público-alvo e linha editorial da publicação. Nas palavras de Sidnei Basile, trata-se da “técnica e a arte de cativar o leitor, fazê-lo mergulhar em nossa história, em nossa publicação e de lá sair encantado” (BASILE, 2011, p.135).

2.3 – Jornalismo econômico, jogos e interesses

São muitos os interesses que permeiam as angulações das matérias veiculadas por diferentes meios de comunicação – e tais interesses influenciam o processo de seleção e edição de notícias. Essa não é uma característica exclusiva das editorias de economia, mas trata-se de um traço especialmente observado nesse campo – assim como o é na área política. As empresas jornalísticas podem se orientar por concepções ideológicas que estão mais à esquerda ou mais à direita. O fato é que cada empresa possui seus interesses, bem como seus próprios princípios e valores.

Em *O Juro da Notícia: Jornalismo econômico pautado pelo capital financeiro*, Paula Puliti (2013) aborda alguns desses interesses ao destacar a mudança do jornalismo na segunda metade dos anos 80. Nesse período, fontes da área financeira, segundo ela, foram incorporadas às reportagens de cunho econômico. Os interesses de empresas financeiras encontraram eco nos meios de comunicação, que passaram a escutar e trabalhar notícias que, na prática, colocavam em discussão temas e impasses que interessavam a essas empresas. Essa abordagem, segundo a autora, deu-se em detrimento de outras pautas, como as relacionadas a causas sociais e lutas sindicais. Desde então, políticos e empresários passaram a atentar-se ainda mais ao poder da mídia. Por ocasião do lançamento do Plano Real, por exemplo, o governo se dedicou especialmente ao trabalho de divulgação e de relação com a imprensa, de maneira a viabilizar o sucesso da nova moeda.

Entre os integrantes da equipe que trabalhava na preparação do Real, era pesado o recorrente a possibilidade de o plano vir a ser prejudicado por falhas na comunicação inicial das medidas ao público, como havia acontecido com o plano Collor (março de 1990), quando a equipe comandada por Zélia Cardoso de Mello tropeçava nas respostas dadas aos questionamentos dos jornalistas, aumentando as desconfianças sobre o duvidoso e polêmico plano (PULITI, 2013, p.91).

Dentre os interesses econômicos das empresas de comunicação, alguns autores, como Frederico Vasconcelos (2008), destacam a problemática que envolve a publicidade. Segundo ele, não raras vezes um veículo jornalístico pode vir a proteger o anunciante. Como exemplo, Vasconcelos cita o caso em que a *Volkswagen* foi denunciada por cobrar ágio na venda de carros zero quilômetro. No momento da apuração, Vasconcelos, que era repórter da Gazeta

Mercantil, foi advertido pelo proprietário da concessionária, que tinha ligações financeiras com o jornal no qual trabalhava. Ainda assim, o jornalista deu continuidade à matéria, que foi publicada no dia seguinte.

Sem dúvida, esse foi um caso em que a ética jornalística foi posta em questão. Em editorias nas quais os interesses são tantos – envolvendo as finanças das empresas jornalísticas – é natural que o código de ética seja consultado com frequência. As empresas jornalísticas querem crescer e, assim, é natural que elas tomem suas decisões atentas aos aspectos financeiros de todas as questões. O caminho é buscar o equilíbrio, de maneira a garantir a saúde financeira da empresa, mas sem deixar de lado os compromissos para com o leitor e o cidadão comum.

No âmbito das teorias do jornalismo, esse equilíbrio remete à teoria organizacional, segundo a qual uma notícia pode resultar da conjunção de interesses que movem tanto os profissionais de uma redação quanto os gestores da organização na qual eles trabalham. Segundo Traquina (2005), a ênfase dessa teoria está na “cultura organizacional, e não uma cultura profissional” (p.153). Conforme esta teoria, na medida em que a empresa direciona e seleciona o que será publicado, o jornalista é “moldado” para seguir uma determinada linha editorial. Assim, muitas vezes o enquadramento que se dá a um assunto pode ser fundamental para se manter ou não no emprego.

Essa é uma característica delicada nos cadernos de economia, pois pode dificultar com certa frequência o trabalho de repórteres e editores. Afinal, questões relativas à gestão governamental, bem como casos de corrupção envolvendo atores de instituições públicas e privadas, sempre estiveram presentes nessa editoria – assim como nos cadernos de política – especialmente em momentos de crise. Foi assim, por exemplo, com a Petrobras, que, ao longo da história, aparece com frequência em diferentes notícias fundadas em denúncias de corrupção que produzem grandes escândalos políticos e econômicos.

Esse trabalho pretende investigar a cobertura de mais uma crise envolvendo esta estatal, desta vez no ano de 2015, durante o mandato da presidente Dilma Rousseff, do PT. O trabalho de cobertura será examinado a partir do acompanhamento feito pelo jornal *O Globo*, no período de janeiro a junho do ano citado.

Capítulo 3

O Globo e os percursos jornalísticos fundados em discursos e escolhas políticas

O jornal *O Globo* foi fundado em 1925 pelo jornalista Irineu Marinho, que já havia criado, também, o *A noite* – periódico que vendeu naquele mesmo ano, quando precisou viajar à Europa para tratamento de saúde. De volta ao Brasil, sem conseguir reaver a ações do vespertino, iniciou o processo de criação de *O Globo*, no Rio de Janeiro. Irineu morreu, entretanto, menos de um mês após a primeira edição de seu novo jornal. Seu sucessor, o primogênito Roberto Marinho, logo entregou o comando do periódico a Eurycles de Mattos, amigo de confiança de seu pai, pois acreditava ser muito jovem para a função. No entanto, o herdeiro não se afastou do impresso e passou a atuar como secretário de Eurycles, no intuito de aprender a rotina produtiva do jornal e aprimorar-se na função.

No momento de criação do jornal, o Brasil atravessava uma fase turbulenta, uma vez que o governo era afrontado pelo Tenentismo – movimento decorrente do descontentamento dos oficiais de postos inferiores das forças armadas, sobretudo os tenentes, insatisfeitos com as condições econômicas, sociais e políticas do país. Revoltados diante de um governo favorável às oligarquias cafeeiras, os militares defendiam reformas políticas e sociais, ainda que o próprio movimento fosse marcado por ações conservadoras e autoritárias.

Posteriormente, destacou-se a Coluna Prestes, movimento de guerrilha formado por militares e liderado por Luís Carlos Prestes, então secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB). A Coluna, que ficou conhecida internacionalmente, percorreu diversos estados do país em oposição à República Velha e às classes dominantes da época. Importante observar que o início da década de 1920 já revelava um país atravessado por reflexões renovadas, traduzidas inclusive pelos movimentos culturais, que passavam a questionar e discutir a própria identidade nacional. Bom exemplo está na Semana de Arte Moderna, em 1922, que propunha a discussão dessa identidade a partir do trabalho de grandes artistas brasileiros, tais como Mario e Oswald de Andrade, e Anita Malfatti.

Há que se considerar ainda a Grande Depressão nos EUA, em 1929, período de grave crise após o *boom* econômico dos anos anteriores. O pior momento se deu com a quebra da Bolsa de Nova York, a partir da grande oferta de ações e conseqüente redução de preços. Com a atividade industrial e o consumo comprometidos, a crise tomou grandes proporções: o desemprego aumentou, as empresas foram à falência e a inadimplência cresceu, afetando,

enfim, as instituições bancárias. Devido ao peso do mercado norte-americano na economia internacional, outros países foram afetados. No Brasil, por exemplo, a indústria cafeeira enfrentou muitas dificuldades.

Esses eram alguns dos cenários vislumbrados pela imprensa no período da criação de *O Globo*, que passou ao comando de Roberto Marinho após a morte de Eurycles de Mattos, em 1931. Roberto, que havia trabalhado no impresso por quase seis anos, após a morte de seu pai, transformou o jornal em um dos periódicos mais consolidados do país. Ainda hoje, o jornal ocupa lugar de destaque no *Grupo Globo*, maior empresa de comunicação no Brasil.

3.1 – Erros e acertos na cobertura

Em relação ao paralelo presente entre os meios de comunicação e memória (contexto social de uma determinada época), Ana Paula Goulart Ribeiro (1998) destaca a associação entre ambos, uma vez que os jornais, em seu processo noticioso, oferecem ao público um recorte de determinado contexto social. Assim, “mesmo que este não seja seu objetivo, os jornais registram e constroem memória” (p. 3). O artigo também cita o slogan publicitário do jornal *O Globo* em seu lançamento: “o jornal é a história do seu tempo” (1998, p. 4).

Esta associação pode ser entendida na medida em que se considera o jornalismo como um recorte da realidade momentânea e, portanto, fonte de informação ligada a grandes fatos. Entretanto, sendo esse um mercado de notícias, é necessário estar atento aos enquadramentos e recortes realizados do fato ou período, conforme relata Cremilda Medina (1988). A mídia está centrada no eixo Rio de Janeiro/São Paulo e as grandes empresas de comunicação promovem o jornalismo a um produto comercial do meio. Sendo assim, segundo a autora, os jornalistas e editores seguem a linha editorial da empresa na dinâmica de produção de notícias e este fator interfere nos critérios de noticiabilidade.

Além disso, diversos outros fatores devem ser considerados em relação ao processo de criação da notícia, tais como a liberdade de imprensa e a visão de jornalismo com um “serviço público”, em função do cidadão, conforme defende Nelson Traquina em *Teorias do Jornalismo Volume I*. O autor também acredita que “jornalistas têm de ser capazes de identificar os 'fatos', muito embora algumas pretensões de verdade não sejam facilmente verificáveis” (2005, p.139). O importante, no caso, é mostrar sempre todas as versões do fato,

de modo a buscar a objetividade e imparcialidade jornalística, a fim de oferecer o melhor ao público.

Embora possua uma trajetória de muitos êxitos no desenvolvimento dos processos jornalísticos, *O Globo* traz, também, alguns momentos delicados em sua história. Um deles se refere ao Golpe de 1964, apoiado pelo periódico naquela ocasião. O fato gera repercussão até os dias de hoje. No ano de 2013, por exemplo, o jornal chegou a publicar nota em que se desculpa pela postura adotada naquele ano. Logo no início do texto publicado, o jornal destaca o quanto tem sido cobrado pela sociedade por essa postura, hoje considerada um equívoco: “Diante de qualquer reportagem ou editorial que lhes desagrade, é frequente que aqueles que se sintam contrariados lembrem que O GLOBO apoiou editorialmente o golpe militar de 1964. A lembrança é sempre um incômodo para o jornal, mas não há como refutá-la. É História” (memoriaoglobo.globo.com > erros e acusações falsas).

Editorial de apoio ao Golpe de 64:

RESSURGE A DEMOCRACIA

"Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.

Como dizíamos, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia da subversão, a escora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade, não seria legítimo admitir o assassinio das instituições, como se vinha fazendo, diante da Nação horrorizada.



Agora, o Congresso dará o remédio constitucional à situação existente, para que o País continue sua marcha em direção a seu grande destino, sem que os direitos individuais sejam afetados, sem que as liberdades públicas desapareçam, sem que o poder do Estado volte a ser usado em favor da desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos estava a levar à anarquia e ao comunismo. Poderemos, desde hoje, encarar o futuro confiantemente, certos, enfim, de que todos os nossos problemas terão soluções, pois os negócios públicos não mais serão geridos com má-fé, demagogia e insensatez.

Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos. Devemos felicitar-nos porque as Forças Armadas, fiéis ao dispositivo constitucional que as obriga a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem, não confundiram a sua relevante missão com a servil obediência ao Chefe de apenas um daqueles poderes, o Executivo.

As Forças Armadas, diz o Art. 176 da Carta Magna, “são instituições permanentes, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade do Presidente da República E DENTRO DOS LIMITES DA LEI.”

No momento em que o Sr. João Goulart ignorou a hierarquia e desprezou a disciplina de um dos ramos das Forças Armadas, a Marinha de Guerra, saiu dos limites da lei, perdendo, conseqüentemente, o direito a ser considerado como um símbolo da legalidade, assim como as condições indispensáveis à Chefia da Nação e ao Comando das corporações militares. Sua presença e suas palavras na reunião realizada no Automóvel Clube, vincularam-no, definitivamente, aos adversários da democracia e da lei.

Atendendo aos anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados, nos últimos tempos, pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-os do amargo fim que lhe estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvido o Executivo Federal.

Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais. Aliaram-se os mais ilustres líderes políticos, os mais respeitados Governadores, com o mesmo intuito redentor que animou as Forças Armadas. Era a sorte da democracia no Brasil que estava em jogo.

A esses líderes civis devemos, igualmente, externar a gratidão de nosso povo. Mas, por isto que nacional, na mais ampla acepção da palavra, o movimento vitorioso não pertence a ninguém. É da Pátria, do Povo e do Regime. Não foi contra qualquer reivindicação popular, contra qualquer ideia que, enquadrada dentro dos princípios constitucionais, objetive o bem do povo e o progresso do País.

Se os banidos, para intrigarem os brasileiros com seus líderes e com os chefes militares, afirmarem o contrário, estarão mentindo, estarão, como sempre, procurando engodar as massas trabalhadoras, que não lhes devem dar ouvidos. Confiamos em que o Congresso votará, rapidamente, as medidas reclamadas para que se inicie no Brasil uma época de justiça e harmonia social. Mais uma vez, o povo brasileiro foi socorrido pela Providência Divina, que

lhe permitiu superar a grave crise, sem maiores sofrimentos e luto. Sejam dignos de tão grande favor.”

Editorial de 2013, com o pedido de desculpas pelo apoio:

APOIO AO GOLPE DE 64 FOI UM ERRO

Diante de qualquer reportagem ou editorial que lhes desagrade, é frequente que aqueles que se sintam contrariados lembrem que O GLOBO apoiou editorialmente o golpe militar de 1964.

A lembrança é sempre um incômodo para o jornal, mas não há como refutá-la. É História. O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como “O Estado de S.Paulo”, “Folha de S. Paulo”, “Jornal do Brasil” e o “Correio da Manhã”, para citar apenas alguns. Fez o mesmo parcela importante da população, um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

Naqueles instantes, justificavam a intervenção dos militares pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas.

Na noite de 31 de março de 1964, por sinal, O GLOBO foi invadido por fuzileiros navais comandados pelo almirante Cândido Aragão, do “dispositivo militar” de Jango, como se dizia na época. O jornal não pôde circular no dia 1º. Sairia no dia seguinte, 2 de abril, quinta-feira, com o editorial impedido de ser impresso pelo almirante, “A decisão da pátria”. Na primeira página, um novo editorial: “Ressurge a Democracia”. (*fac-símiles da primeira página e da página 3, da edição de 2 de abril de 1964, na galeria de páginas*).

A divisão ideológica do mundo na Guerra Fria, entre Leste e Oeste, comunistas e capitalistas, se reproduzia, em maior ou menor medida, em cada país. No Brasil, ela era aguçada e aprofundada pela radicalização de João Goulart, iniciada tão logo conseguiu, em janeiro de 1963, por meio de plebiscito, revogar o parlamentarismo, a saída negociada para que ele, vice, pudesse assumir na renúncia do presidente Jânio Quadros. Obteve, então, os poderes plenos do presidencialismo. Transferir parcela substancial do poder do Executivo ao Congresso havia sido condição exigida pelos militares para a posse de Jango, um dos herdeiros do trabalhismo varguista. Naquele tempo, votava-se no vice-presidente separadamente. Daí o resultado de uma combinação ideológica contraditória e fonte permanente de tensões: o presidente da UDN e o vice do PTB. A renúncia de Jânio acendeu o rastilho da crise institucional.

A situação política da época se radicalizou, principalmente quando Jango e os militares mais próximos a ele ameaçavam atropelar Congresso e Justiça para fazer reformas de “base” “na lei ou na marra”. Os quartéis ficaram intoxicados com a luta política, à esquerda e à direita.

Veio, então, o movimento dos sargentos, liderado por marinheiros — Cabo Anselmo à frente —, a hierarquia militar começou a ser quebrada e o oficialato reagiu.

Naquele contexto, o golpe, chamado de “Revolução”, termo adotado pelo GLOBO durante muito tempo, era visto pelo jornal como a única alternativa para manter no Brasil uma democracia. Os militares prometiam uma intervenção passageira, cirúrgica. Na justificativa das Forças Armadas para a sua intervenção, ultrapassado o perigo de um golpe à esquerda, o poder voltaria aos civis. Tanto que, como prometido, foram mantidas, num primeiro momento, as eleições presidenciais de 1966.

O desenrolar da “revolução” é conhecido. Não houve as eleições. Os militares ficaram no poder 21 anos, até saírem em 1985, com a posse de José Sarney, vice do presidente Tancredo Neves, eleito ainda pelo voto indireto, falecido antes de receber a faixa.

No ano em que o movimento dos militares completou duas décadas, em 1984, Roberto Marinho publicou editorial assinado na primeira página. Trata-se de um documento revelador. Nele, ressaltava a atitude de Geisel, em 13 de outubro de 1978, que extinguiu todos os atos institucionais, o principal deles o AI-5, restabeleceu o habeas corpus e a independência da magistratura e revogou o Decreto-Lei 477, base das intervenções do regime no meio universitário. Destacava também os avanços econômicos obtidos naqueles vinte anos, mas, ao justificar sua adesão aos militares em 1964, deixava clara a sua crença de que a intervenção fora imprescindível para a manutenção da democracia e, depois, para conter a irrupção da guerrilha urbana. E, ainda, revelava que a relação de apoio editorial ao regime, embora duradoura, não fora todo o tempo tranquila. Nas palavras dele: “Temos permanecido fiéis aos seus objetivos [da revolução], embora conflitando em várias oportunidades com aqueles que pretenderam assumir a autoria do processo revolucionário, esquecendo-se de que os acontecimentos se iniciaram, como reconheceu o marechal Costa e Silva, ‘por exigência inelutável do povo brasileiro’. Sem povo, não haveria revolução, mas apenas um ‘pronunciamento’ ou ‘golpe’, com o qual não estaríamos solidários”. (*fac-símile da primeira página de 7 de outubro de 1984, na galeria de páginas*).

Não eram palavras vazias. Em todas as encruzilhadas institucionais por que passou o país no período em que esteve à frente do jornal, Roberto Marinho sempre esteve ao lado da legalidade. Cobrou de Getúlio uma constituinte que institucionalizasse a Revolução de 30, foi contra o Estado Novo, apoiou com vigor a Constituição de 1946 e defendeu a posse de Juscelino Kubistchek em 1955, quando esta fora questionada por setores civis e militares.

Durante a ditadura de 1964, sempre se posicionou com firmeza contra a perseguição a jornalistas de esquerda: como é notório, fez questão de abrigar muitos deles na redação do GLOBO. São muitos e conhecidos os depoimentos que dão conta de que ele fazia questão de acompanhar funcionários de O GLOBO chamados a depor: acompanhava-os pessoalmente para evitar que desaparecessem. Instado algumas vezes a dar a lista dos “comunistas” que trabalhavam no jornal, sempre se negou, de maneira desafiadora. Ficou famosa a sua frase ao general Juracy Magalhães, ministro da Justiça do presidente Castello Branco: “Cuide de seus comunistas, que eu cuido dos meus”. Nos vinte anos durante os quais a ditadura perdurou, O GLOBO, nos períodos agudos de crise, mesmo sem retirar o apoio aos militares, sempre

cobrou deles o restabelecimento, no menor prazo possível, da normalidade democrática.

Contextos históricos são necessários na análise do posicionamento de pessoas e instituições, mais ainda em rupturas institucionais. A História não é apenas uma descrição de fatos, que se sucedem uns aos outros. Ela é o mais poderoso instrumento de que o homem dispõe para seguir com segurança rumo ao futuro: aprende-se com os erros cometidos e se enriquece ao reconhecê-los.

Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma. (memoriaoglobo.globo.com > erros e acusações falsas)

Em outros importantes momentos históricos que marcaram o país, o jornal também já sofreu severas críticas relacionadas à sua linha editorial. Uma delas está relacionada à pouca importância que o periódico teria dado a alguns momentos relevantes da campanha *Diretas Já*, no ano de 1984. *O Globo* se defende, recorrendo a um extenso texto de esclarecimento sobre esse assunto em sua página *online*, na seção de Memórias, em aba denominada “Erros e acusações falsas”. A direção argumenta que busca a isenção.

3.2 – O conglomerado e os compromissos com o cidadão comum

A despeito dessas e de outras críticas que enfrenta dentro e fora do mercado jornalístico, o *Grupo Globo* é o maior conglomerado de mídia do país. Possui o canal aberto de maior audiência nesse meio (*Rede Globo*), assim como um dos maiores jornais no âmbito nacional (*O Globo*), lançado há 90 anos. A organização possui, além da rede de TV e do jornal, o *Sistema Globo de Rádio* (*CBN* e *Rádio Globo*), a gravadora *Som Livre*, a *Globo Filmes*, *Classificados ZAP*, *Editora Globo*, *Infoglobo* (também responsável pelos jornais *Extra* e *Expresso*, além de ter deter parte dos direitos do *Valor Econômico*), *Globo.com* e *Globosat*, programadora de canais por assinatura, tais como *GloboNews*, *SporTV*, *Multishow*, *GNT*, *Viva* e *Globo*.

Dos tópicos dos Princípios Editoriais do *Grupo Globo*, que descrevem o relacionamento da empresa com o público, dois subtópicos merecem destaque para discussão proposta nesse trabalho, que se debruçará sobre a cobertura econômica de *O Globo*:

1. O público será sempre tratado com respeito, consideração e cortesia, em todas as formas de interação com os jornalistas e seus veículos: seja como consumidor da informação publicada, seja como fonte dela;
2. Cada veículo tem um público-alvo e deve agir de acordo com as características dele, adaptando a elas pauta, linguagem e formato. Mas, para o Grupo Globo, todo público tem um alto poder de discernimento e entendimento: o menos culto dos homens é capaz de decidir o que é melhor para si, escolhe visando à qualidade e entende tudo o que lhe é relatado de forma competente. Essa convicção deve ser levada em conta especialmente pelos veículos de massa que produzem informação para pessoas de todos os níveis de instrução. Nesse caso, a linguagem e o formato não devem ser rebuscados a ponto de afastar os menos letrados nem simplórios a ponto de afastar os mais instruídos. Se informarem em linguagem clara sobre assuntos de interesse de todos, serão sempre bem entendidos;

Nessa perspectiva, tudo indica que, embora se dirijam a segmentos específicos, cada produto do Grupo pauta-se pela obrigação de produzir conteúdos plenamente assimiláveis por todos os públicos contemplados. Para o trabalho aqui proposto, os conteúdos publicados pela editoria de economia do jornal *O Globo* são especialmente relevantes, assim como o são as manifestações dos leitores, sejam aquelas apresentadas em seções como a Mala Direta, sejam aquelas enviadas por meio da seção Defesa do Consumidor, presente há décadas no jornal.

Na primeira seção, sempre aos domingos, leitores enviam cartas relacionadas a problemas que enfrentaram ao lidar com determinadas empresas. O jornal entra em contato com os estabelecimentos citados e publica as respostas desses estabelecimentos, logo abaixo da pergunta. Nesse caso, o jornal cumpre, assim, o papel de intermediador da situação, e, como a ocorrência se torna pública, a empresa se interessa por responder às queixas, uma vez que, do contrário, pode amargar um marketing negativo. Já a segunda seção, Defesa do Consumidor, constitui-se de matérias de interesse do cidadão comum sobre os itens que costuma consumir: programas de viagens planejadas, promoções etc.. No ensaio intitulado

“Um pouco da história do relacionamento do Globo com seus leitores” (2011), a pesquisadora Larissa de Moraes Ribeiro Mendes define da seguinte forma o leitor que escreve para a seção Defesa do consumidor: [ele] “tem a expectativa de contar com a ajuda do jornal para solucionar um problema que não pode resolver de outro modo. Tira proveito da relação. Mais importante do que ter sua carta publicada é ter seu problema solucionado” (p. 10).

Em relação ao seu público-alvo, o site do *Infoglobo* afirma que o jornal “é líder absoluto nas classes A e B”. Essa página, inclusive, mostra a dimensão do periódico (na plataforma impressa, mas, sobretudo, no ambiente virtual) no cenário nacional. Em sua versão *online*, por exemplo, são apresentados mais de 2,5 milhões de cadastros e, em média, 350 mil visitantes por dia. Além disso, “*O Globo* foi o primeiro no país e em toda a América Latina a disponibilizar seu conteúdo impresso no *Kindle*, o leitor para livros digitais (*e-books*) produzido pela *Amazon*”. Esse é um aspecto relevante para demonstrar a preocupação de *O Globo* com a extensão de seus conteúdos em outras plataformas, no sentido de ampliar o acesso à informação.

3.3 – A produção de conteúdos e a Petrobras na Editoria de Economia de *O Globo*

No que se refere à editoria de Economia de *O Globo*, há muitas matérias que interessam especialmente ao público especializado, não pela linguagem em si, mas pelos assuntos abordados. O processo de seleção de notícias mescla matérias de interesse do público-alvo do jornal a notícias de interesse específico na vertente econômica. No caso da Petrobras, por exemplo, houve uma publicação específica, de reportagens em série, de modo a acompanhar o desenrolar da crise na estatal. A empresa aparece em 13 das 20 primeiras edições de domingo do ano – e por oito vezes foi a matéria de capa dessa editoria.

O caso Petrobras ganhou as páginas da imprensa no primeiro semestre de 2014, quando houve a divulgação da Operação Lava-Jato, que investiga um esquema de corrupção envolvendo a estatal e diretores de grandes empreiteiras, como a Odebrecht e Andrade Gutierrez. De acordo com uma reportagem especial da Folha de São Paulo, presente no site do periódico, ocorreu inicialmente uma investigação de doleiros ligados a Alberto Youssef, que mantinha contas no exterior relacionadas a empresas de fachada. Youssef possuía, na época, negócios com Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobras.

Assim, as investigações chegaram à estatal e, após a prisão de ambos e por meio de

delações em troca de redução de pena, o esquema foi descoberto. Funcionários da Petrobras cobravam propina de empreiteiras para que as negociações fossem firmadas e então eram feitos contratos superfaturados, de modo a desviar dinheiro para os participantes do esquema¹. “Nos processos em andamento na Justiça, o Ministério Público Federal estima que R\$ 2,1 bilhões foram desviados dos cofres da Petrobras, mas é possível que o valor do prejuízo seja muito maior” (Folha de São Paulo).

Evidentemente, os conteúdos publicados a partir desse tema, na editoria de economia de *O Globo*, possuem cunho político, uma vez que os escândalos giram em torno de corrupção e lavagem de dinheiro na estatal, envolvendo pessoas ligadas a partidos políticos. Esse aspecto torna mais complexa a análise proposta por esse trabalho, uma vez que será preciso observar, além das singularidades do jornalismo econômico, os enquadramentos jornalísticos construídos a partir da linha editorial de *O Globo* – inspirados, como observa Traquina (2001), por interesses políticos, ideológicos e econômicos –, bem como as estratégias discursivas e o valor-notícia presentes nos conteúdos publicados.

Todos esses elementos exigem, ainda, o exame dos princípios editoriais declarados. Nesse sentido, pode ser relevante destacar, aqui, outros dois desses princípios:

- ✓ Os veículos jornalísticos do Grupo Globo devem ter a isenção como um objetivo consciente e formalmente declarado. Todos os seus níveis hierárquicos, nos vários departamentos, devem levar em conta este objetivo em todas as decisões;
- ✓ Na apuração, edição e publicação de uma reportagem, seja ela factual ou analítica, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados. O contraditório deve ser sempre acolhido, o que implica dizer que todos os diretamente envolvidos no assunto têm direito à sua versão sobre os fatos, à expressão de seus pontos de vista ou a dar as explicações que considerarem convenientes;

A respeito das angulações jornalísticas, Kucinski (2000) defende que “o texto é também a base de um diálogo com o leitor, e por isso o jornalista deve deixar que ele tire suas próprias conclusões” (p. 167). Assim, o indivíduo deve ter acesso a múltiplas abordagens do fato noticioso, a fim de que possa, individualmente, refletir acerca de suas concepções.

¹ Informações retiradas do site <http://arte.folha.uol.com.br>

No capítulo a seguir, tais princípios editoriais serão discutidos no momento de análise das matérias selecionadas, de maneira a permitir, também, um debate em torno do poder de influência do jornalismo, como observa Nelson Traquina:

Assim, o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar, mas também como pensar. Estudos realizados nas últimas três décadas do século XX apontam que a influência varia sobre as pessoas e sobre os assuntos. A influência é maior sobre as pessoas que estão mais expostas ao jornalismo e procuram informação; a influência é maior sobre os assuntos sobre os quais as pessoas não têm experiência direta que podem mobilizar (TRAQUINA, 2005, p. 203)

As reflexões aqui propostas se darão, de forma especial, a partir da cobertura do escândalo da Petrobras pelo caderno de economia de *O Globo*. O exame se dará a partir das notícias e reportagens entre 4 janeiro e 14 de junho de 2015, de maneira que se possa acompanhar o desdobramento de cada assunto abordado. Foram feitas matérias com os “resultados” do escândalo, tanto no âmbito da macroeconomia quanto da microeconomia², a partir de situações específicas e seus efeitos sobre a sociedade. A questão da estatal chegou a ser mesclada a outras situações de crise – a energética, por exemplo –, provocando no leitor a sensação de que a situação era caótica em alguns dos mais importantes setores do país.

A situação de crise da Petrobras no período foi bastante destacada por *O Globo*, de modo geral. Por várias vezes, o tema foi transformado em assunto de capa, obedecendo a um enredo que destacava um contexto de crise com pouca ou nenhuma alternativa de solução. O jornal aborda a temática relacionada à Petrobras por meio de sequências de notícias, atribuindo um alto grau de relevância à estatal enquanto objeto noticioso. Dentre essas matérias, destaca-se o conjunto de publicações intitulado “Escândalos em série”, ora presente no caderno de Economia e, em outros momentos, no Primeiro Caderno.

Para analisar esse e outros conteúdos que marcaram a cobertura da crise da Petrobras feita pelo jornal *O Globo*, optou-se pela análise de 13 edições no período citado (janeiro a junho), momento de ampla cobertura jornalística dos escândalos que envolveram a empresa. Em seguida, foi construído um quadro analítico desenhado a partir de dois exercícios centrais: análise textual (constituída do estudo dos dizeres que formavam, na página, elementos como o chapéu, o título, linha fina, ênfase e adjetivações) e a análise de elementos visuais (constituída de outro estudo, desta vez centrado nas fotografias, gráficos e legendas, além de data e página).

Com esse quadro, que se apresenta no capítulo a seguir, a ideia é examinar, na editoria de Economia de *O Globo*, os valores-notícia e os enquadramentos presentes nas matérias relacionadas à estatal, a partir das técnicas e estratégias discursivas empregadas pelo mesmo.

² A abordagem macroeconômica analisa a economia de uma região como um todo, em um processo amplo. Tal abordagem pode ser observada em matérias que relatam o desemprego de modo mais abrangente. Já a microeconomia estuda a formação de preços no mercado, bem como seus fatores de produção. Neste caso, podem ser consideradas as matérias que abordam os comportamentos de famílias, oferta e demanda etc.

Capítulo 4

Crise da Petrobras: estratégias discursivas e enquadramentos na cobertura econômica de *O Globo*

A cobertura da crise da Petrobras pela equipe do caderno de Economia de *O Globo* é observada, nesse trabalho, a partir do processo de construção da notícia dentro de um determinado contexto – de modo a considerar, nesse estudo, os elementos que interferem na estruturação textual, tão atravessada por estratégias discursivas. Por isso mesmo, optou-se pela análise do discurso como um dos métodos de estudo. Dominique Maingueneau, em *Novas Tendências em Análise do Discurso* (1997), observa que as teorias linguísticas de argumentação, por exemplo, são fundamentais para a AD justamente “porque são linguísticas, porque liberam estratégias argumentativas tão discretas e sutis quanto eficazes, porque questionam o enunciador e o co-enunciador” (p.160). Este trabalho também se sustenta na Teoria do Enquadramento, fundada em uma série de elementos que darão contornos específicos a um determinado acontecimento – o que se dará a partir de escolhas que envolvem fontes, repórteres e editores, como observa Robert Entman, para quem enquadrar é “selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito” (ENTMAN *apud* ROSSETTO, 2012, p.10)

Tais perspectivas são ancoradas pelas teorias do jornalismo, que tentam explicar as razões por que as notícias são. Nesse campo, destaca-se, por exemplo, a Teoria do Gatekeeper, que toma o profissional do jornalismo como responsável direto pelos processos de construção e disseminação da notícia, assim como a Teoria Organizacional, que toma a empresa e seus fatores organizacionais como elementos decisivos na construção e, sobretudo, na publicação das matérias e reportagens. Por isso mesmo, esse estudo exigirá, ainda, que se atente aos valores-notícia, também definidores do que é e do que não é relevante para a publicação. Nelson Traquina (2013) recorre a Galtung e Ruge para enumerar pelo menos 12 valores-notícia: 1) a frequência e duração do acontecimento; 2) a amplitude do episódio; 3) a clareza do fato; 4) a significância; 5) a consonância (eventos que correspondem a uma certa expectativa dos profissionais do jornalismo); 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, o acompanhamento do que já foi noticiado; 8) a composição (a organização das notícias em seções ou cadernos, conforme a publicação); 9) referência a nações poderosas política e economicamente; 10) a referência a pessoas que integram esses grupos de elite; 11) a

personalização, isto é, a referência a indivíduos envolvidos; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima 'bad news is good news'.

Mas além dos critérios de noticiabilidade, há que se considerar ainda as questões relativas à notoriedade do acontecimento, sempre relacionada ao valor-notícia, na medida em que determina a proporção do fato noticiado e sua amplitude como tema relevante (TRAQUINA, 2013). No caso do estudo aqui proposto, a Petrobras – na condição de maior estatal do país, responsável pela produção de milhões de barris de óleo por dia – é bom exemplo. Na análise do discurso proposta nesse trabalho, a estatal é, durante o ano de 2015, objeto de várias narrativas do caderno de Economia de *O Globo*. A partir da seleção de algumas dessas notícias, a ideia é identificar estratégias discursivas, de modo a compreender as estruturas textuais trabalhadas, assim como os direcionamentos que orientam a maneira como o assunto é tratado (nesse caso, como um escândalo que envolve o governo e as autoridades públicas). A escolha da análise do discurso resulta, assim, justamente dessa possibilidade que o método oferece de, segundo Ringoot (2006), examinar a construção discursiva trabalhada por *O Globo*.

(...) a formação discursiva jornalística ultrapassa o discurso do jornal, e considera-se, por um lado, que o jornalismo produz um discurso e um saber específicos, destacáveis particularmente pelas formas enunciativas recorrentes, mas considera-se, por outro lado, que o jornalismo é o produto de vários discursos que o elaboram e o estruturam (RINGOOT, 2006, p. 137)

Tendo como base as edições de domingo, de 4 de janeiro a 14 de junho, foi elaborada uma tabela que elenca as características de cada matéria analisada. Essa tabela serve como parâmetro para um estudo detalhado dos componentes presentes nas notícias, tais como a regularidade dos temas e as composições textuais. O quadro é composto pelos seguintes elementos: data, página, chapéu, título, linha fina, foto, gráfico, legenda da foto, título do gráfico, ênfase e adjetivações.

4.1 – Ênfases e abordagens da crise

A partir do quadro, percebe-se que os critérios de noticiabilidade adotados pela editoria de economia de *O Globo* contribuem para enquadrar a crise enfrentada pela Petrobras como um episódio grave, que merece sequências narrativas capazes de possibilitar a discussão de um mesmo assunto a partir de diversos ângulos, em diferentes datas. Esse processo está relacionado à repercussão do fato, tal como ocorre nas matérias denominadas “Escândalos em

série”, nas quais são enfatizadas as perdas econômicas decorrentes dos desvios financeiros ocorridos na estatal e, inclusive, as consequências disso na Petros (fundo de pensão da Petrobras), também investigada por desvio de dinheiro.

Em tais matérias, a abordagem liga a crise à má gestão do atual governo e à queda do preço do barril de Petróleo, mencionando por duas vezes as perdas de outras empresas petrolíferas e destacando a Petrobras como aquela que se encontra na pior situação econômica (figura 1) No exemplo citado, inclusive, é perceptível que os prejuízos financeiros são mencionados como “baixas contábeis” em relação à estatal e como “ajustes” em relação à segunda colocada em perdas econômicas, o que contribui para o discurso cético associado à Petrobras. Em relação aos efeitos de decisões tomadas no âmbito da estatal em gestões de governos anteriores, estas não são explicitadas em nenhum momento, podendo ser observada somente em uma frase da edição de 10 de maio, em alusão ao governo anterior, também do PT (figura 2):

BRUNO ROSA

bruno.rosa@oglobo.com.br

A corrupção, a ineficiência e a queda no preço do barril do petróleo fizeram a Petrobras liderar (e de longe) as perdas no ano passado em relação às grandes petroleiras globais que repassam seus dados à Securities and Exchange Commission (SEC), órgão que regula o mercado de capitais dos Estados Unidos. Em 2014, a estatal contabilizou baixas contábeis (chamadas no jargão financeiro de *impairments*) de R\$ 44,6 bilhões, mais que o dobro da segunda colocada, a britânica BP, com “ajustes” de R\$ 22,094 bilhões. A conclusão faz parte de um levantamento feito pela consultoria Ernst & Young (EY) a pedido do GLOBO. Ao todo, foram analisados os dados de seis empresas de óleo e gás com atividades integradas de exploração e refino, conhecidas no setor como *majors*.

Figura 1: Perdas de gigante

Fonte: *O Globo*, 03/05/2015, Economia, p. 31

RAMONA ORDOÑEZ

ramona@oglobo.com.br

BRUNO ROSA

bruno.rosa@oglobo.com.br

A promessa do pré-sal não fará mais da Petrobras a principal locomotiva do crescimento econômico do país nos próximos anos. No novo Plano de Negócios de 2015 a 2019, que, segundo fontes, deve ser divulgado no dia 10 de junho, a estatal vai pisar no freio na tentativa de reduzir o seu nível de endividamento. Os investimentos vão oscilar de US\$ 129 bilhões (R\$ 387 bilhões) a US\$ 141 bilhões (R\$ 423 bilhões) no período, conforme dados da própria companhia. Esse será o menor nível de investimentos desde a crise global de 2008 e representará uma queda de até 41% em relação ao Plano anterior, de 2014 a 2018, de US\$ 220,6 bilhões (R\$ 661,8 bilhões).

O efeito, que será sentido por toda a economia e em especial na cadeia de fornecedores, vai afetar o nível de produção de petróleo: mais uma vez a companhia não conseguirá atingir suas metas, o que já vem ocorrendo desde 2003, no início do governo Luiz Inácio Lula da Silva. O

Figura 2: Plano de (poucos) negócios

Fonte: *O Globo*, 10/05/2015, Economia, p. 31

Esta última matéria, inclusive, motivou uma nota de esclarecimento publicada no site da Petrobras no dia 11 de maio, na qual a empresa afirma que os valores divulgados pelo *O Globo* não podem ser confirmados:

Esclarecimento

Conforme divulgado hoje em comunicado ao mercado em relação a notícias veiculadas na imprensa, a Petrobras esclarece que o Plano de Negócios e Gestão 2015-2019 ainda está em elaboração e, portanto, não há data marcada para sua divulgação.

Adicionalmente, a Companhia não confirma os valores de investimento divulgados pela mídia.

Após a conclusão dos estudos em andamento, o Plano será submetido à avaliação da Diretoria Executiva e, posteriormente, levado para apreciação do Conselho de Administração.

Fatos julgados relevantes serão oportunamente comunicados ao mercado.

Figura 3: Esclarecimento da Petrobras

Fonte: Site Investidor Petrobras, 2015

O quadro analítico também mostra que a publicação opta por abordagens que trabalham os desdobramentos da situação de crise no campo social, esforçando-se para estabelecer relações entre a crise e questões como, por exemplo, o desemprego e a queda do poder de investimento e em cidades que dependem financeiramente da indústria petrolífera. Na relação de reportagens contínuas, destacam-se abordagens intituladas “Efeito Petróleo” e “Fora de Prumo”. Esta última, inclusive, aborda contextos específicos de cidades que foram atingidas pela má situação da Petrobras e que estariam sofrendo com os impactos socioeconômicos na vida de cidadãos comuns. Duas edições especiais chegaram a ser feitas para abordar esses impactos nas regiões de Rio Grande (RS) e Maragogipe (BA). Também foram trabalhadas matérias nesse sentido a partir de situações difíceis vivenciadas por alguns estaleiros em Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul. A ênfase está nas demissões e em obras paralisadas nesses estaleiros.

Já a abordagem intitulada “Efeito Petróleo” está focada nos escândalos no âmbito empresarial macroeconômico, demonstrando os efeitos negativos a longo prazo na estatal e também os problemas decorrentes da queda do preço do barril de petróleo. Mais uma vez, a questão do desemprego é valorizada, desta vez como elemento gerador dos problemas financeiros enfrentados pelas empreiteiras. Desse modo, aborda o problema do desemprego em um contexto mais amplo, indicando uma situação de caos no setor petrolífero.

Retomando o conjunto de notícias denominado “Escândalos em série”, o qual apresenta um total de seis matérias, a intenção é demonstrar uma conjuntura extremamente negativa, que prejudica, inclusive, o PIB brasileiro, afetando, assim, toda a economia

nacional. Também consta, nessa edição, uma entrevista com o então presidente da Petrobras, Aldemir Bendine, sobre os problemas gerados em função da operação Lava-Jato, considerada, na reportagem, o estopim para a crise na empresa.

Os títulos examinados evidenciam o uso de nomenclaturas que valorizam, assim como nas notícias veiculadas, um cenário de caos. Abaixo seguem os títulos em sequência, para fins de comparação:

CRISE NA AMÉRICA LATINA

No fundo do poço

Figura 4: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 04/01/2015, Economia, p. 25

EFEITO PETRÓLEO

Royalties derretem

Figura 6: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 11/01/2015, Economia, p. 27

EFEITO PETRÓLEO

Leilão, só no pós-crise

Figura 7: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 18/01/2015, Economia, p. 35

EFEITO PETRÓLEO

Exigências ambientais travam investimentos nas últimas rodadas

Figura 8: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 18/01/2015, Economia, p. 36

Euforia dá lugar à desolação no Comperj

Figura 9: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 18/01/2015, Economia, p. 37

Domingo 12.2015

Economia

O GLOBO 31

'Bye, bye' autossuficiência em combustíveis

Figura 10: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 01/02/2015, Economia, p. 31

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Investigações provocam crise em fundo de pensão da Petrobras

Figura 11: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 15/02/2015, Economia, p. 26

Em crise, Petrobras ajuda a afundar PIB, emprego e arrecadação



Figura 12: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 01/03/2015, Economia, p.31

Domingo 15.2.2015

| Economia |

O GLOBO 27

Trabalhadores tomam as ruas pelo país

Figura 13: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 15/02/2015, Economia, p. 27

CORRUPÇÃO AFUNDA RETOMADA DA INDÚSTRIA NAVAL

Figura 14: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 22/03/2015, Economia, p. 37

MARAGOJIPE

OBRAS PARALISADAS E SONHOS DESFEITOS NO INTERIOR DA BAHIA

Figura 16: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 22/03/2015, Economia, p. 39

ENTREVISTA Aldemir Bendine

'Investigações acabam levando a atrasos'

Figura 18: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 26/04/2015, Economia, p. 31

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Perdas de gigante

Figura 20: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 03/05/2015, Economia, p. 31

Petrobras troca ouvidor depois de denúncias

Figura 22: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 17/05/2015, Economia, p. 41

RIO GRANDE

APÓS ATRAIR MIGRANTES, REGIÃO VIVE FALTA DE VAGAS E EXPULSA TRABALHADORES

Figura 15: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 22/03/2015, Economia, p. 38

TEMPO FECHADO

Escândalo da Petrobras já paralisa negócios em Macaé

Figura 17: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 19/04/2015, Economia, p. 34

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Cancelamento de refinaria frustra expectativa no 'Eldorado' do Ceará

Figura 19: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 03/05/2015, Economia, p. 32

ESCÂNDALOS EM SÉRIE

Plano de (poucos) negócios

Figura 21: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 10/05/2015, Economia, p. 31

ENTRAVE LOGÍSTICO

Parada forçada no porto

Figura 23: Exemplo de título
Fonte: *O Globo*, 14/06/2015, Economia, p. 33

A coluna destinada à identificação das adjetivações reforça o cenário desfavorável, a partir do uso de expressões como “petróleo muito barato”, “inflação galopante”, “prejuízos imensuráveis”, “situação muito ruim”, “má gestão”, entre outros termos elencados na tabela.

No quesito das adjetivações, é possível observar, contudo, interpretações difusas e, por vezes, contraditórias. No caso de “petróleo muito barato”, por exemplo, é importante observar que o barril estava a US\$ 52 em 4 de janeiro de 2015 (valor muito abaixo dos US\$ 107 registrados em janeiro de 2014). Esse tipo de abordagem tende a confundir o leitor, mesmo aqueles que compõem o público-alvo de O Globo (que pertencem às classes A e B, segundo o site Infoglobo), pois não se trata de um público especializado em economia. Portanto, o uso de tal adjetivo neste caso pode criar uma situação de alarde no leitor não familiarizado com o tema. Destaque para os valores do dólar em janeiro de 2015, US\$ 2,68, contra US\$ 2,41 em janeiro do ano anterior.

4.2 – Intenções e contradições do discurso

Apenas três matérias são inseridas na página sem a sinalização do chapéu: “‘Bye, bye’, autossuficiência em combustíveis”, “Trabalhadores tomam as ruas pelo país” e “Petrobras troca ouvidor depois de denúncias”. A matéria “‘Bye, bye’, autossuficiência em combustíveis” relata que, devido à crise, a meta de autossuficiência em derivados até 2020 foi adiada. Tal publicação utiliza como base um “cronograma original” da Petrobras, e mostra a visão de especialistas acerca do fechamento de refinarias. De forma a mostrar o retrocesso no âmbito petrolífero, é citada a “era pré-Lula”, evitando a citação clara ao PSDB, assim como em todas as outras matérias relacionada à crise na estatal.

Já a abordagem intitulada “Trabalhadores tomam as ruas pelo país”, publicada em 15 de fevereiro, apresenta estreita relação com as matérias sobre o desemprego gerado pela crise no setor de petróleo. A matéria é feita com foco nas manifestações de trabalhadores contra as demissões em massa e os atrasos de pagamentos. As fontes, neste caso, evidenciam o atraso geral de salários, bem como as más condições de trabalho e desconfianças em relação ao futuro da empresa. Já “Petrobras troca ouvidor depois de denúncias” é uma matéria pequena, sem fotos ou gráficos, que noticia mudanças na ouvidoria da estatal após denúncias de *O Globo* de que tal setor dificultava o registro de denúncias de corrupção na empresa. Portanto, é perceptível que até mesmo as matérias sem chapéu apresentam um enquadramento com foco no contexto de retrocesso e má gestão, e para tanto, utilizam um discurso voltado ao pessimismo.

Também é possível observar que a primeira notícia analisada (a de 4 de janeiro), assim como a última (em 14 de junho), apresentam em comum o chapéu utilizado especificamente

para cada uma dessas matérias – “Crise na América Latina”, no caso da primeira, e “Entrave Logístico”, para a segunda. A primeira matéria enfatiza o cenário econômico negativo enfrentado pelas petrolíferas da América Latina. O foco está, portanto, no momento de adversidades enfrentado pelo setor (no âmbito mais amplo, demonstrando alguns dos problemas registrados também em outros países).

Na última matéria analisada, intitulada “Entrave Logístico” e desenvolvida em um cenário mais ameno em relação aos escândalos (uma vez que esses foram deflagrados meses antes), a abordagem é sobre a capacidade insuficiente de berços (onde são atracadas as embarcações) no porto de Macaé (RJ). Tal matéria aborda os prejuízos causados à estatal devido à fila de embarcações. Entretanto, também cita a nova área de atracação sendo construída em São João da Barra, assim como licitações para novas áreas no Espírito Santo e Bahia. Sendo assim, esta última reportagem pode ser considerada de enfoque diversificado em relação às matérias anteriores, que apresentam ligação direta com a crise na empresa petrolífera. Esta matéria foi o foco de uma carta da estatal publicada no jornal três dias após a veiculação da notícia, conforme consta abaixo:

“A Petrobras esclarece que é incorreta a informação de que sofre prejuízo da ordem de US\$ 1,5 bilhão ao ano com a operação do Porto de Imbetiba, em Macaé, como afirma a matéria "Parada forçada no porto", publicada no último domingo. O tempo de atracação das embarcações e a produtividade do porto estão no patamar das melhores práticas do mercado internacional, o que impede a formação crônica de filas. Além disso, as embarcações que circulam em Macaé a serviço da Petrobras têm custo de afretamento diário médio de US\$ 20 mil, e não de US\$ 100 mil, como consta na matéria. Esses barcos de apoio transportam suprimentos e cargas para as plataformas das bacias de Campos e do Espírito Santo. A Petrobras reitera ainda que realiza o planejamento de sua capacidade de atendimento logístico de forma alinhada com seus projetos de exploração e produção, de modo a assegurar o adequado suprimento das unidades marítimas e a otimização dos recursos empregados”.

Fonte: Site da empresa Petrobras

Na ocasião, *O Globo* publicou a seguinte resposta:

"Os argumentos da Petrobras foram publicados com destaque na reportagem do último domingo. O Globo, porém, confirma sua apuração sobre a existência de filas de embarcações no Porto de Macaé e os custos médios de afretamento desses barcos de apoio".

Com o passar dos meses, é perceptível que a crise na estatal passa a ser menos abordada na editoria de economia, em contraponto à quantidade de notícias no início do ano de 2015 – a crise na Petrobras é retratada nas três primeiras matérias principais de tal editoria do ano citado. Assim, a continuidade do tema e sua amplitude enquanto fato noticioso perdem relevância ao longo do período em relação aos critérios de noticiabilidade do jornal, uma vez que o objeto vai deixando de ser o foco do caderno de economia. É possível destacar que as ações da empresa passam por um período relativamente estável de 15 de abril ao fim de junho, em comparação aos baixos valores apresentados no primeiro trimestre do ano (figura 24). É justamente nesse primeiro trimestre que as matérias a respeito da situação desfavorável da estatal são o foco da editoria analisada.



Figura 24: Ações da Petrobras
Fonte: Adaptado do site da revista Exame

Por fim, tem-se, ainda, a notícia intitulada “Escândalo da Petrobras já paralisa negócios em Macaé”, introduzida abaixo de um chapéu que diz “Tempo Fechado” e que aborda as dificuldades enfrentadas pela cidade de Campos nesse setor. A cidade tinha grande parte de sua arrecadação decorrente dos ganhos do petróleo (*royalties*), contando ainda com o conjunto de funcionários do ramo petrolífero que movimentavam a economia da cidade. No contexto de crise, o comércio da região sofreu uma estagnação econômica, bem como outros serviços locais – temas principais abordados pelo jornal nessa edição.

Também é preciso observar os elementos visuais das matérias analisadas, compostos por mesclas de fotografias e gráficos. Esses últimos associam-se, principalmente, ao destaque

que o jornal parece querer dar aos números – especialmente ao tratar das questões relativas ao aumento do desemprego e aos valores que refletem os problemas econômicos decorrentes da crise da Petrobras. Os recursos numéricos são uma estratégia discursiva, comumente utilizada para dar credibilidade ao texto, na medida em que dá uma ideia quantitativa do cenário abordado, contribuindo para uma síntese da situação de crise.

Neste caso, tal recurso gráfico facilita a noção comparativa entre dados citados, já que os aspectos numéricos envolvem, em sua maioria, altos valores. Esta ferramenta, por seu aspecto visual, também evidencia os elementos abordados, tendo em vista sua gama de cores – que a destaca do material discursivo – e seu posicionamento na página, de modo a atrair a atenção do leitor.

Já as fotos são utilizadas como uma espécie de complemento dessa abordagem, de maneira a transmitir uma mensagem ao público. Sendo assim, a informação é considerada uma junção entre duas estruturas – discurso e imagem – que, embora heterogêneas, convergem entre si (BARTHES, 1990). A imagem, tal qual a produção discursiva, decorre de uma série de fatores e de um processo de seleção feito pelo fotógrafo, cujo somatório de tais escolhas resulta na fotografia em seu aspecto final (KOSSOY, 1999). Na seguinte imagem (figura 25), é possível a compreensão da junção entre tais estruturas, tendo em vista a imagem relacionada à angulação textual da matéria.



Passo o ponto. Nas ruas de Macaé, multiplicam-se as placas de "aluga-se" ou "vende-se": a economia da cidade gira em torno da exploração de petróleo

Figura 25: Placas de aluguel nas ruas de Macaé

Fonte: *O Globo*, 19/04/2015, Economia, p. 35

Além dos elementos já citados, a tabela também é composta por data e página, a fim de facilitar a localização da notícia, e chapéu e ênfase, de modo a identificar a temática abordada de forma mais ágil/resumida. Desta forma, é possível identificar a escolha de pautas, bem como os elementos principais do material analisado.

Tendo como base o objeto discursivo, pode-se perceber que a crise na Petrobras é tratada tanto no âmbito empresarial, com assuntos mais técnicos, quanto no contexto mais comum do jornalismo, abordando situações de um cotidiano. Desta maneira, é possível verificar que tais abordagens não visam atrair apenas um público especializado, uma vez em que são intercalados temas de interesse do cidadão comum e assuntos voltados à área específica do ramo petrolífero. Nas matérias analisadas, a linguagem utilizada garante aos leitores uma compreensão clara das questões abordadas, ou seja, a linguagem não é voltada estritamente a um público especializado. Os jargões econômicos são empregados raramente, e embora seus significados não sejam explicados todas as vezes, a dedução torna possível a compreensão do termo no contexto. Dentre os utilizados, pode-se mencionar *impairments* (baixas contábeis), *hedge* (proteção cambial), dentre outros de origem estrangeira.

Em relação à diversidade de pautas, é possível identificar que alguns conteúdos são abordados em diversos momentos, como o desemprego, a título de exemplo, em contraponto à escassez de informações a respeito do cenário mundial ligado ao petróleo, como a crise que se estende por todo o campo petrolífero e é pouco informada pelo jornal. Nas abordagens relacionadas a empresas estrangeiras do setor, as baixas econômicas são apresentadas em destaque, sem ramificações, porém, para a problemática envolvendo outros âmbitos relacionados ao contexto de crise, como causas que originaram a situação.

Tendo como base as matérias analisadas, é visível que a abordagem foca o cenário de crise em uma perspectiva negativa, utilizando pautas que evidenciam frequentemente o cenário caótico que se estende a todo o território nacional em decorrência do momento desfavorável enfrentado pela estatal. Os principais elementos presentes nas matérias tendem a valorizar o ambiente nocivo e, por vezes alarmante no que se refere à piora na qualidade de vida do cidadão. Assim, são utilizados enquadramentos e técnicas discursivas, tais como adjetivações, para enfatizar o cenário negativo e ineficiência do governo vigente, tendo em vista que os regimes anteriores não aparecem como responsáveis pela crise na atual gestão. Esta abordagem também não implica o debate a alternativas para enfrentar o momento de crise, seja no contexto empresarial e até mesmo individual, no que refere ao cidadão comum.

4.3 – Enquadramentos na cobertura da crise

Tendo em vista a visibilidade do jornal *O Globo* no cenário nacional, as matérias relacionadas à Petrobras no período em questão, bem como sua política editorial — já abordada no capítulo anterior —, é possível analisar os elementos que permeiam o processo de produção de notícias e, portanto, sua concepção final. Conforme destacado anteriormente, algumas teorias explicitam fatores diretamente relacionados ao objeto de estudo. Dentre estas, é possível destacar a abordagem por meio do enquadramento noticioso, que é considerado o processo de seleção de informações e angulação do discurso, assim como outras práticas jornalísticas no momento de produção discursiva.

Hacket (1993 *apud* PORTO, 2002, p. 2) defende que os produtos dos meios de comunicação vão além da ideia de parcialidade e objetividade, e que, portanto, seus estudos devem adequar-se, na medida em que deve ser observada a importância de uma matriz ideológica. Porto (2002) acredita que “essa matriz seria composta por um conjunto de regras e conceitos (uma 'estrutura profunda') que são ativados pelos jornalistas, nem sempre de forma consciente e sem necessariamente existir uma intenção deliberada de iludir ou manipular” (p. 3).

Trata-se de um aspecto estreitamente relacionado ao processo de seleção de notícias, especialmente quando se considera a diversidade de angulações possíveis. Sob esse aspecto, é necessário atentar-se ao poder da mídia na condição de elemento informativo (e formador de opinião) perante a sociedade. Segundo Porto (2002), “efeitos de formulação podem ocorrer sem ninguém ter consciência do impacto do enquadramento adotado nas decisões e podem ainda ser explorados para alterar a atratividade das opções” (p. 6). Enquadramentos seriam, assim, instrumentos de poder importantes, especialmente quando ligados ao papel atribuído aos meios de comunicação no sentido de oferecer ao público um leque de abordagens sobre um determinado tema, de modo a promover a reflexão com base em vieses diversificados, como observa Shaw (2003):

(...) em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas” (SHAW *apud* WOLF, 2003, p. 143)

No caso específico de corrupção na Petrobras, os enquadramentos que enfatizam a

ineficiência do atual governo contribuíram para a perda de popularidade da presidente Dilma Rousseff e, conseqüentemente, para os protestos ocorridos contra a gestão governamental vigente. Tais manifestações foram amplamente noticiadas pelo *O Globo*, como as realizadas pelas ruas e inclusive o movimento denominado “panelaço”, que consistia em manifestações individuais realizadas em apartamentos por pessoas insatisfeitas com a política do PT.

Segundo Leal et al. (2010), a mídia hierarquiza os temas abordados com base em sua relevância e em critérios de noticiabilidade. Tendo em vista o porte da empresa, o fato de ser uma estatal brasileira e seu destaque no âmbito petrolífero, conforme relatado no início deste capítulo, é perceptível sua notoriedade enquanto objeto noticioso na mídia. Sendo assim, conforme as abordagens já explicitadas neste trabalho, as matérias analisadas valorizam assuntos relacionados ao cenário de crise da estatal. Os enquadramentos podem ser observados nas seguintes problemáticas: instabilidade empresarial, desemprego, corrupção e influência das baixas econômicas da Petrobras na economia brasileira. Portanto, como os temas apresentados possuem vínculos entre si, as angulações apresentam características em comum.

No caso da perspectiva analisada neste trabalho, o enquadramento negativo da temática gera um clima de pessimismo e descrença em relação à seriedade do corpo gestor da Petrobras, uma vez que esta é abordada como uma instituição em um estado crítico no que se refere à sua administração. Tal dimensão é abordada em diversas matérias, como nas que noticiam paralisações de negócios em áreas petrolíferas e suas conseqüências (desemprego, estagnação econômica municipal, entre outros). Tais abordagens, inclusive, demonstram que a situação da estatal se agrava por diversas regiões do país, gerando desconfiança em relação à recuperação futura da empresa.

Segundo Schwaab (2007), o processo de seleção de notícias, com base na inclusão e exclusão de determinadas informações, fazem do *jornalismo* um lugar de produção de sentidos. Desta maneira, o autor considera que o Jornalismo, seguindo os preceitos da Análise do Discurso, não somente transmite informações, como é também considerado um agente deste processo, cujo campo possui regras e especificidades influentes na circulação de sentidos. Pode-se considerar que “as notícias são resultado de processos complexos” e que, “mais do que isso, que o próprio jornalismo é um processo e toda a sua processualidade se manifesta no texto, a materialização do discurso ofertada para interpretação do público” (SCHWAAB, 2007, p. 5).

Gregolin (2007) também debate o círculo de sentidos na mídia, defendendo que os meios de comunicação não oferecem a realidade, mas sim, uma “construção que permite ao

leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (p. 6). O indivíduo é submetido a interpretações de sentidos conforme a informação que lhe é transmitida. Essa interpretação é apoiada em dois pilares: o sentido histórico que cada indivíduo possui interiormente e o sujeito social que lhe é demonstrado no momento (GREGOLIN, 2007).

Esse trabalho demonstra que *O Globo* procurou influenciar o cidadão tanto em sua trajetória de vida, no curso de sua própria história, como também na condição de ator social que transita nos espaços públicos, trabalhando escolhas e discursos influenciados pela mídia em alguma medida.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo evidenciou como algumas das matérias veiculadas no ano de 2015 pelo jornal *O Globo*, a partir da cobertura da crise da Petrobras, apresentaram um padrão textual específico no que diz respeito aos métodos discursivos e enquadramentos noticiosos. Por meio da análise das angulações e discursos observados, entende-se que tais matérias seguem um viés negativo em relação ao cenário da Petrobras, bem como um foco pessimista quanto ao futuro da empresa. O conteúdo discursivo é, portanto, de grande relevância para estes enquadramentos, uma vez que são utilizadas adjetivações e palavras que enfatizam o cenário desfavorável. Termos como “preocupante”, “situação muito ruim” e “momentos difíceis”, por exemplo, são frequentes nas páginas.

O conjunto de fontes às quais o jornal recorre é constituído, principalmente, de especialistas da área financeira e de cidadãos comuns que sofrem direta ou indiretamente com a crise na estatal, tais como os trabalhadores de refinarias e os comerciantes de locais afetados pelos problemas. Essas fontes são utilizadas para reforçar o enquadramento feito pelo periódico, de modo a manter o foco nos problemas ocasionados pela má gestão e pela corrupção. A corrupção, inclusive, é bastante enfatizada pelo periódico, visto que todas as matérias analisadas citam a operação Lava-Jato ou problemas com a justiça, seja da Petrobras ou de empresas ligadas à petrolífera.

As pautas são diversificadas em alguns pontos, dando origem a matérias de grande interesse público, que valorizam temas como desemprego, e também de interesse específico, voltadas para leitores da área econômica. Neste caso, os temas preferidos são relativos à conjuntura de outras empresas ligadas ao petróleo. A estatal brasileira, nesse tipo de cobertura, é demonstrada como a que passa por pior situação dentre as petrolíferas destacadas. É importante frisar que a linguagem utilizada garante aos leitores uma compreensão clara das questões abordadas, até mesmo naquelas matérias voltadas a um público específico. O uso de jargões econômicos ocorre em poucos momentos e, embora seus significados não sejam explicados todas as vezes, a dedução torna possível a compreensão do termo no contexto.

Dentre os enquadramentos analisados, é possível observar que, nos casos de interesse popular, as notícias destacam histórias de indivíduos comuns, que tiveram seus interesses econômicos afetados diretamente pela crise. Nesses casos, as matérias tornam-se menos frias

e mais próximas do público, tendo em vista que apresentam aspectos dramáticos da vida do cidadão, como a dificuldade para sustentar a família, o endividamento e a falta de perspectiva em relação ao futuro.

No processo de construção textual, alguns aspectos chamam a atenção. Um deles é o pouco destaque dado às declarações do corpo gestor da Petrobras, quando procurado para dar explicações acerca dos problemas abordados nas reportagens. As respostas da empresa a questões levantadas não são valorizadas e se apresentam como ponto de pouca relevância na notícia como um todo.

Em relação aos valores-notícia que orientam a produção de matérias do jornal, é possível identificar os principais: a amplitude do episódio, com referência à importância, no âmbito nacional, tanto da empresa, quanto dos envolvidos, já que a corrupção era praticada por altos cargos de chefia; a frequência e duração do acontecimento, que pode ser observada pela maior quantidade de matérias no início de 2015, período que engloba o foco de crise; a significância, que pode ser relacionada à amplitude do evento; e a continuidade, conforme a sequência de notícias relacionadas ao fato no período analisado.

Parece claro, assim, que a editoria de Economia do jornal *O Globo* apresenta enquadramentos com foco no contexto de crise vivenciado pela empresa, tomado como fator de alarme ou de ameaça ao bem-estar da sociedade como um todo, uma vez que afeta desde o PIB brasileiro ao desemprego, como um “efeito cascata”. Desta forma, o jornal se esforça para levar o cidadão comum a repudiar as ações e decisões do governo central, de esquerda, dando sinais de um embate ideológico que parece nortear a linha editorial do periódico.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Paulo Henrique. **O Quarto Poder: uma outra história**. São Paulo: Hedra, 2015.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 11-25.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BASILE, Sidnei. **Elementos de Jornalismo Econômico: a sociedade bem informada é uma sociedade melhor**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Contexto, 2008.

GREGOLIN, M. R.; **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo. v.4, n 11, p. 11-25, nov 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo Econômico**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LEAL, B. S. ; ANTUNES, Elton ; VAZ, Paulo Bernardo . Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. In: Márcia Benetti; Virginia Fonseca. (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 187-220.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Um pouco da história do relacionamento do Globo com seus leitores. In: Encontro Nacional de História da Mídia,8., 2011, Guarapuava. **Anais do 8º Encontro Nacional de História da Mídia**. Guarapuava, 2011.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 26., 2002, Caxambu. **Anais do 26º Encontro Anual ANPOCS**. Caxambu, 2002.

PULITI, Paula. **O juro da notícia:** Jornalismo econômico pautado pelo capital financeiro. Florianópolis: Insular, 2013.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mídia e História:** Ambiguidades e paradoxos. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / GT 23 História e Comunicação, 1998.

RINGOOT, R.; Por que e como analisar o discurso no contexto dos estudos sobre jornalismo? **Comunicação e Espaço Público**, ano IX, n. 1 e 2, 2006

SCHWAAB, R.; Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n.1, p. 11-23, jan/jun 2007

SOUZA, Nilson Araújo de. **Economia brasileira contemporânea:** de Getúlio a Lula. São Paulo: Atlas, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa e transnacional, volume II. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

VASCONCELOS, Frederico. **Anatomia da Reportagem:** como investigar governos, empresas e tribunais. São Paulo: Publifolha, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

Matérias de *O Globo*:

ALMEIDA, Cássia; ILHA, Flávio; SCRIVANO, Roberta. Trabalhadores tomam as ruas pelo país. *O Globo*. Rio de Janeiro, 15 fev. 2015. Economia, p. 27.

ALMEIDA, Cássia; SETTI, Rennan. Em crise, Petrobras ajuda a afundar PIB, emprego e arrecadação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 mar. 2015. Economia, p. 31.

DELMAS, Maria Fernanda; ORDOÑEZ, Ramona; VALENTE, Gabriela; ROSA, Bruno. Investigações acabam levando a atrasos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2015. Economia, p. 31.

DINIZ, Débora. Euforia dá lugar à desolação no Comperj. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan.

2015. *Economia*, p. 37.

ILHA, Flávio. Após atrair migrantes, região vive falta de vagas e expulsa trabalhadores. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2015. *Economia*, p. 38.

LAVOR, Thays. Cancelamento de refinaria frustra expectativa no “Eldorado” do Ceará. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 maio 2015. *Economia*, p. 32.

ORDOÑEZ, Ramona. Escândalo da Petrobras já paralisa negócios em Macaé. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2015. *Economia*, p. 34.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. “Bye, bye” autossuficiência em combustíveis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 fev 2015. *Economia*, p. 31.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Corrupção afunda retomada da indústria naval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2015. *Economia*, p. 37.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Exigências ambientais travam investimentos nas últimas rodadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan 2015. *Economia*, p. 36.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Leilão, só no pós-crise. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan. 2015. *Economia*, p. 35.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Parada forçada no porto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 2015. *Economia*, p. 33.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Plano de (poucos) negócios. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 maio 2015. *Economia*, p. 31.

ORDOÑEZ, Ramona; ROSA, Bruno. Royalties derretem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jan. 2015. *Economia*, p. 27.

Petrobras troca ouvidor depois de denúncias. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 maio 2015. *Economia*, p. 41.

RODRIGUES, Alexandre. Investigações provocam crise em fundo de pensão da Petrobras. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2015. *Economia*, p. 26.

ROSA, Bruno. Obras paralisadas e sonhos desfeitos na Bahia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2015. *Economia*, p. 39

ROSA, Bruno. Perdas de gigante. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 maio 2015. *Economia*, p. 31.

ROSA, Bruno; ORDOÑEZ, Ramona; CARNEIRO, Lucianne. No fundo do poço. *O Globo*, Rio de Janeiro, 04 jan. 2015. *Economia*, p. 25.